

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"PHLEGON DE TRALLES E OS PROFERIMENTOS
PROFÉTICOS POR CABEÇAS DECEPADAS: UM ESTUDO
TIPOLÓGICO"**

**SBEC - XVI CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS (CNEC), 03-07 DE
SETEMBRO 2007**

"ÓCIO E TRABALHO NO MUNDO ANTIGO"

Eduardo Caldas Rossi

História / 7o. período

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

O general romano Publius após ter seu corpo devorado por um lobo, continua a proferir oráculos anti-romanos e como um recém-nascido andrógino profere oráculos após ter o seu corpo devorado por um fantasma. Ambas as histórias são narradas na obra *Peri Thaumasiôn* de Phlegon de Tralles.

Este paper visa analisar melhor as profecias proferidas por cabeças decepadas do modo como o tema aparece em Phlegon. Para tal, o trabalho apresenta relações dessas duas histórias com outras semelhantes, como por exemplo a do héroi celta Brân que depois de ser decapitado continua a dar ordens e conversar. Desse modo, talvez exista aqui um elo das histórias de Phlegon com a mitologia celta.



Phlegon de Tralles e os proferimentos proféticos por cabeças decepadas: um estudo tipológico

Minha pesquisa visa encontrar um elo entre as histórias de profecias proferidas por cabeças decepadas encontradas na obra de Phlegon de Tralles e a história de Brân, herói celta que comandou seus homens mesmo após ter sua cabeça decepada. Phlegon de Tralles, historiador grego liberto pelo imperador Adriano (117-138 d.C.), escreveu "Sobre maravilhas"¹, no grego *Peri Thaumasiôn*, da qual temos apenas fragmentos. Nessa obra encontramos duas histórias em que cabeças decepadas proferem oráculos; a primeira é a cabeça do general romano Publius² e a segunda é a de um bebê andrógino. Para alcançar tal objetivo, analisarei ambas as histórias e apresentarei como é possível fazer uma aproximação destas com a história do herói Brân³ que é relatada na obra *Mabinogion*⁴, ou "Contos da juventude".

A história do general Publius, relatada por Phlegon, está diretamente ligada aos acontecimentos ocorridos com o

¹ Para "Sobre as Maravilhas" de Phlegon, utilizo a tradução de Hasen. William Hasen. *Phlegon of Tralles' Book of Marvels*. Exeter: University of Exeter Press, 1996.

² Hasen em sua análise crítica à obra de Phlegon de Tralles, afirma que não há consenso entre os historiadores de quem seja o Publius relatado pelo autor grego. Muitos acreditam ser *Publius Cornelius Scipio* que acompanhava seu irmão *Lucius* na campanha romana na Ásia Menor contra Antíoco III.

³ "Brân, o abençoado", ou "Bendigeifran", são possivelmente os nomes cristãos para o mesmo personagem celta, o qual possuía outros nomes em gaulês: Bendigeidfran, Bendigeid Fran, Bendigeit Vran ou Brân Llyr. A maioria dos especialistas concorda que os personagens do *Mabinogion* são deuses célticos, pois as lendas eram originalmente passadas através da tradição oral.

⁴ *Mabinogion* é uma coleção de contos gauleses preservados em manuscritos mais antigos, dos quais não se tem conhecimento, que então foram transcritos para o "Livro Branco de Rhydderch"- *Llyfr Gwyn Rhydderch* por volta do ano 1350 d.C. e depois no "Livro Vermelho de Hergest" - *Llyfyr Coch o Hergest*, por volta de 1382 a 1410. Os especialistas acreditam que, apesar dos textos serem datados dos sécs. X e XI, são baseados na mitologia celta.



comandante da cavalaria síria, Bouplagos⁵. Ambas as histórias narradas por Phlegon ocorrem logo após a batalha travada entre os romanos e os soldados de Antíoco III⁶ nas Termópilas em 191 a.C. Segundo o historiador grego, após lutar nobremente, Bouplagos que possuía alta estima pelo rei Antíoco, foi ferido 12 vezes e caiu morto no campo de batalha. Após a batalha, enquanto os romanos juntavam os espólios do exército inimigo, o comandante sírio levantou dos mortos e se dirigiu ao acampamento romano proclamando desgraças futuras ao exército romano.

Os generais romanos decidem então cremar o corpo de Bouplagos, que logo após seu proferimento falece. Levantando o acampamento eles foram para Naupactos, localizada na Etólia, onde prepararam sacrifícios no templo dos gregos de acordo com os costumes locais.

Phlegon afirma que após esses acontecimentos o general Publius começou a delirar e comportar-se de maneira desarranjada, proferindo oráculos em estado de possessão divina. No primeiro oráculo, Publius anuncia a vingança da Ásia contra Roma, com a vinda de um rei vindo da distante Ásia - onde nasce o Sol. Ele reunirá consigo um grande exército de todas as partes daquele continente e da Europa para assolar as terras romanas e escravizar para sempre seus habitantes. Ao sair de sua tenda, continua a proferir oráculos, desta vez em prosa, anunciando o que ocorrerá nas

⁵ Hansen afirma que uma história semelhante à ocorrida com Bouplagos é relatada por Plínio. Quando as forças de Pompeu haviam capturado os homens de Otávio, certo Gabineus, mesmo após ter tomado um corte no pescoço que quase o decepou, foi enviado de volta para entregar uma mensagem à Pompeu dizendo que os deuses agora favoreciam a sua causa.

⁶ Antíoco III Magno, ou Antíoco o Grande, foi um rei selêucida que governou entre 223 e 187 a.C.. Antíoco acolheu a corte de Aníbal, inimigo de Roma, derrotado na Segunda Guerra Púnica. Após algumas batalhas contra Roma, foi derrotado nas Termópilas, abandonando a Europa. Tendo recusado-se a deixar a região a oeste das montanhas do Taurus, Antíoco foi definitivamente vencido na Batalha de Magnésia em 189 a.C..



batalhas entre Roma e Antíoco, ressaltando a importância do povo celta que habita na Ásia nessa disputa.

Esse oráculo em prosa apresenta claramente características de uma profecia *ex-eventu*. Publius voltou a profetizar, em versos, inúmeras desgraças que ocorreriam com os romanos. Após dizer tudo isso, ficou em silêncio, saiu do acampamento romano e subiu num carvalho onde anunciou:

Romanos e outros soldados, é destinado a mim, morrer e ser devorado por um grande lobo vermelho ainda nestes dias, mas, para que vocês saibam que tudo o que tenho dito ocorrerá com vocês: Peguem a iminente aparição da besta e minha própria destruição como prova que eu falei como intimação divina⁷.

Como ele havia dito, o lobo se aproximou de Publius e o devorou deixando somente sua cabeça. Os soldados aproximaram-se para fazer um funeral apropriado; a cabeça, entretanto, ainda no chão proclamou mais versos, avisando que não a tocassem, e anunciou mais desgraças que viriam sobre Roma. Após construírem um templo para Apolo, deixaram a cabeça no altar e todos foram embora.

Phlegon de Tralles escreveu uma outra história onde uma cabeça decepada profere oráculos. Policratos era um grego que havia sido escolhido para ser etnarca da Etólia. Este último tendo tomado uma mulher locriana para ser sua esposa, morreu no quarto dia como marido. Sua mulher deu a luz a um bebê que possuía tanto a genitália masculina como feminina. Foi então convocada na cidade uma assembléia para definir o desfecho da criança e a decisão tomada foi levá-la para fora da cidade e queimá-la. Entretanto, Policratos aparece na assembléia como um fantasma e todos ficam assustados. Ele tenta convencer a assembléia a mudar de

⁷ Phlegon de Tralles (FrGH 257F36).



decisão, como, porém, suas palavras não os convencem, ele pega a criança e começa a devorá-la, deixando somente a cabeça. Policratos, após comer o corpo de seu filho, desaparece. A cabeça do bebê profere oráculos, da mesma modo que Publius.

A história da cabeça decepada de Publius proferindo oráculos aparenta ser mais uma história fantástica contada pelo historiador grego. Entretanto, ao analisá-la novamente com mais cuidado, observa-se características interessantes que podem indicar uma continuidade celta. Um herói celta chamado Brân, após ter sido atingido por uma flecha envenenada, ordena aos seus homens que cortem a sua cabeça. Após tê-la decepada, ele continua a dar ordens. Assim, ordena que ela seja enterrada no White Hill em Londres, onde hoje se encontra a Torre de Londres.

Utilizar a história de Brân para auxiliar na análise de Publius apresenta alguns obstáculos. Primeiramente, devemos analisar a questão da datação dos enredos que separam ambos os relatos. Como vimos, o relato de Publius foi escrito por Phlegon no séc.II.d.C., sobre algo que teria acontecido aproximadamente 400 anos antes, enquanto que o relato de Brân encontra-se no livro chamado *Mabinogion*, contos escritos entre 1300 - 1400. Apesar dos contos nesse livro possuírem tal datação, o conteúdo dessas histórias remonta a um contexto mítico celta muito mais antigo.

Essa problemática é muito comum na história antiga, e com auxílio de ferramentas semelhantes utilizadas nas pesquisas de textos persas para meu trabalho. Esses textos, apesar de serem datados de períodos posteriores à conquista árabe, parecem remontar um cenário cultural muito anterior à dominação romana.



O texto persa *Bahman Yašt*⁸, por exemplo, é na verdade um comentário a um texto original em avéstico, ao qual não temos conhecimento da obra que o antecedeu. Nesse texto há temas que remontam à tradição iraniana e indo-européia⁹. Mesmo sendo um texto com datação muito tardia é possível utilizá-lo, tomando suas devidas precauções, para se fazer um estudo conjunto com outros textos de datação antiga, como por exemplo o livro de Daniel¹⁰.

Os contos encontrados em *Mabinogion* servem-se claramente fontes celtas - redigidas, entretanto, em contexto cristão. Ao analisarmos somente as histórias de Publius e de Brân, poucas semelhanças podem ser estabelecidas para se concluir um elo indireto. Em ambas as histórias as personagens continuam a falar e dar ordens a seus soldados após terem as cabeças decepadas e ambos têm suas cabeças guardadas em locais específicos. A história de Publius, no entanto, contém elementos que podem aproximá-las genealogicamente.

Primeiramente, Publius na sua única profecia em prosa, afirma menciona os celtas habitando na Ásia: "Os celtas que moram na Ásia que enfrentarão vocês na batalha, serão os piores"¹¹.

Esse ponto é marcante, pois não há dúvidas da importância os celtas para o oráculo, descrevendo as

⁸ O *Bahman Yašt* é um texto persa provavelmente pertence à Avesta (conjunto que reúne as mais antigas escrituras do Zoroastrismo, composto por hinos dedicados a divindades). Especula-se que tenha sido escrito no período aquemênida (648-330 a.C.), mas a compilação que temos à disposição é do período sassânida (221-642 d.C.).

⁹ Mary Boyce. "On the Antiquity of Zoroastrian apocalyptic" in: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies*. 1984.

¹⁰ Daniel é último livro a ser canonizado no Antigo Testamento da Bíblia Hebraica. O livro afirma estar situado no Exílio da Babilônia, ou seja, período em que o povo israelita foi levado para o exílio por Nabucodonosor, rei babilônico (605-562 a.C.). Entretanto, a crítica textual e os historiadores acreditam que este teria sido composto, usando o recurso de pseudonímia e da profecia *ex-eventu*, durante a revolta dos Macabeus (167 -141 a.C.).

¹¹ Phlegon de Tralles (FrGH 257F36).



desgraças que os romanos farão com eles. Posteriormente, os últimos momentos de vida do romano Publius mostram indícios que podem nos levar aproximar mais a uma influência celta.

Publius sobe num carvalho para profetizar a sua própria morte. Por que um carvalho e não outra árvore? Pode ser um detalhe sem importância, entretanto o carvalho possui um significado muito definido na cultura celta. Plínio disse com relação aos celtas:

Dentro dessa ocasião não podemos omitir a menção da admiração que é dada a essa planta pelos gauleses. Os druidas (que é o nome que eles dão aos seus mágicos) não consideram nada mais sagrado do que essa planta e a árvore em que ela cresce, como se ela crescesse somente em carvalhos. Eles adoram apenas em bosques de carvalhos e não realizarão ritos sagrados a menos que um ramo dessa árvore esteja presente. É muito provável que os próprios sacerdotes receberam seus nomes a partir do nome grego desta árvore. E, de fato, eles pensam que tudo que cresce num carvalho é imediatamente enviado do céu e é um sinal de que a árvore fora escolhida pelo próprio deus como um objeto de seu especial prazer¹².

O carvalho, na cultura celta, está ligado a ao submundo; ele serve como um elo de ligação ao mundo dos mortos. Tal árvore, como vimos na passagem de Plínio, é extremamente estimada por este povo e tal admiração era notada pelos demais povos, como os romanos.

O enorme lobo vermelho devorando o general Publius pode também estar associado aos celtas. Para estes, o lobo também, está associado ao mundo inferior e à morte. Como vimos anteriormente, o carvalho também possui tal simbologia. Assim, este e o lobo são duas formas relacionadas ao mundo inferior e esses dois símbolos aparecem em Phlegon juntos, na mesma passagem, quando

¹² Plínio. *História Natural*. 16, 95.



Publius profetiza sua própria morte. Cabe aqui lembrar uma semelhança com a história de Policratos, a imagem do fantasma também é associada ao submundo.

Podemos afirmar com certa segurança que ambas as histórias de cabeças decepadas encontradas em Phlegon de Tralles devem possuir uma origem comum. Que fonte seria essa?

Em suma ambas as histórias de Phlegon: (1) acontecem na mesma região da Grécia, a Étolia; (2) os corpos daqueles que irão profetizar são devorados; (3) somente a cabeça não é devorada; (4) a cabeça sem o corpo profere oráculos.

As duas histórias se passarem na mesma região onde não há indícios de populações celtas, entretanto esse fato não impede que haja alguma influência desta tradição. Devo lembrar que o autor do livro nasceu na Ásia Menor, e uma das histórias cita os celtas que habitavam na região. Porque são citados os celtas da Ásia Menor, dos quais encontramos poucas referências entre os autores antigos?

Na história de Publius há versos que caracterizam o mito da vingança da Ásia contra Roma. Versos assim comumente são encontrados no Oriente Próximo em textos como *Apocalipse de João* (Ásia Menor), "Oráculo do oleiro" (Egito), *Oráculos sibílinos* (autoria compósita). O fato da história se passar na península balcânica não impediu que tais versos aparecessem nos oráculos proferidos por Publius, num livro que não pretende ser uma obra religiosa. Assim, apesar da região em que ambas as histórias ocorrem na Grécia, nada impede que tais características acima listadas caracterizem uma continuidade celta. Houve durante sécs. IV e III a.C. as invasões celtas no sul da Europa. As hostes celtas conquistam territórios na Ásia Menor, nos Balcãs e no norte da Itália. Tais invasões geraram grande impacto para os povos habitantes dessas regiões.



As cabeças, após terem o corpo devorado, começam a proferir oráculos. Esses relatos se assemelham, como vimos acima, ao relato do herói celta Brân. Apesar desse último não ter seu corpo dilacerado por um lobo ou fantasma, permanece pronunciando oráculos e dando ordens à seus homens.

Não podemos ignorar que na cultura celta a cabeça possui um forte simbolismo, para eles o crânio era a sede da alma. Encontramos relatos de autores clássicos em que os celtas, após vencerem uma batalha, decepavam o inimigo e levavam a sua cabeça como troféu de guerra.

E foi lá que Postúmio morreu lutando quase desesperadamente para evitar ser capturado. Os gauleses despojaram-no de todas as suas roupas e seus espólios e cortaram sua cabeça e a levaram em triunfo para o mais sagrado de seus templos¹³.

MacCulloch¹⁴ afirma que há relatos celtas de pessoas que são devoradas por grandes lobos sem apresentar nenhuma resistência, o que nos aproxima mais ainda da história de Publius. Apesar da história de Policratos não ter nenhuma referência a lobos, o bebê é devorado pelo pai fantasma. O pai morto que retorna dos mortos retoma indiretamente ao simbolismo do sub-mundo encontrados tanto na figura do lobo e do carvalho.

A partir dessas informações, podemos iniciar um estudo sobre a conexão da cultura celta com a história de Publius e do bebê andrógino, assim como com a história do herói Brân.

¹³ Tito Lívio. *História de Roma* 23-24.

¹⁴ John A. MacCulloch. *The Religion of the Ancient Celts*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1911.



Este *paper* sobre as histórias de cabeças decepadas proferindo oráculos em Phlegon, principalmente a de Publius, pretende, posteriormente, auxiliar estudos sobre a difusão do mito do “rei vindo do Sol”, o qual é caracterizado pela profetização da vinda de um rei da Ásia, ou do Sol, para estabelecer a ordem asiática contra Roma.

Busco então num futuro próximo continuar com a análise das relações entre religião e poder político no mundo antigo, com foco na rejeição cultural dos valores romanos pelas populações nativas.

O mito do “Rei vindo da Ásia” geralmente é encontrado em textos persas ou semíticos com cunho religioso; entretanto aparece em Phlegon dentro de uma história que possui um elo muito próximo com a cultura celta, povo no qual até agora não foram encontradas características desse mito.

Ao estabelecer o elo entre tais histórias e o povo celta, pode-se chegar a uma nova perspectiva, que necessitará de diversos outros estudos, mas que também poderá auxiliar uma outra questão como e porquê os versos que caracterizam esse mito serem proclamados, em Phlegon, por um general dominador e não por um dominado, o oposto do que ocorre nos demais casos desse mito, como por exemplo nos *Oráculos sibílinos*.